

## A Menina, o Bispo e o Congresso Nacional

Por cerca de 10 dias, no centro do debate público no Brasil esteve a defesa da menina de 9 anos do município de Alagoinha (PE), contra as acusações do bispo Dom José Cardoso. A notícia da absurda tentativa de tolher um direito e constranger a ação do Estado correu o mundo. O presidente Lula posicionou-se, o Papa também. Médicos, jornalistas, juristas, sacerdotes, teólogas, muita gente engajou-se na discussão sobre as questões éticas que envolvem a prática do aborto, confrontando posições obscurantistas, fundamentalistas e conservadoras sobre a questão. Até um cordel foi escrito sobre o caso. Outras tantas pessoas, profundamente tocadas pelo caso, simplesmente solidarizaram-se com a menina e sua mãe. Também uma atitude política.

Mas, no Congresso Nacional, o que assistimos estes dias foi a realização de um seminário reunindo os auto-denominados "legisladores e governantes pela Vida". São os mesmos que integram as três frentes parlamentares contra a prática do aborto no Congresso Nacional e que tentam instalar uma CPI sobre a questão, a "CPI da Fogueira", como nós feministas a estamos chamando.

Sim, porque seu caráter inquisitor é fortemente anunciado por seus defensores, que mantém no Congresso projetos de lei como o do cadastramento obrigatório de gestantes nos serviços de saúde, para controlar se alguma mulher interrompe ou não a gravidez.

Estes senhores parlamentares pretendem promover a perseguição, execração pública e prisão de mulheres que fizeram aborto e daqueles/as que as auxiliam. Isto significa fortalecer a criminalização das mulheres e das lutas feministas. Eles insistem na instalação desta CPI, cuja instalação depende em última instância dos partidos e seus parlamentares.

Espera-se das direções partidárias e suas bancadas parlamentares, que a atuação da hierarquia da Igreja Católica neste episódio os recorde do risco da aplicação de dogmas religiosos às políticas públicas. E que o desfecho do caso possa nos dar ainda mais certeza de como é importante garantir a realização de aborto nos serviços públicos de saúde, de modo a garantir o direito de uma mulher poder decidir interromper ou não uma gravidez indesejada.

Pela vida das mulheres, vamos legalizar o aborto no Brasil! Esta CPI é inconstitucional!

**Veja mais na sessão CONtextos.**

### **Em defesa da autonomia e do direito a liberdade para todas as mulheres.**

Nosso 8 de março foi de luta. Confrontamos mais uma vez as investidas de mercantilização da data, visíveis na publicidade do comércio. Confrontamos o proselitismo por parte da classe política. E num contexto reacionário e conservador, de ameaça aos direitos das mulheres, reafirmamos o Dia Internacional da Mulher como dia da luta feminista, construindo e organizando ações próprias do movimento por todo o país. Fóruns, redes e articulações estaduais de mulheres que integram a AMB saíram às ruas e prosseguirão com atividades durante todo o mês. Em vários estados, as ações acontecem em aliança com outros movimentos e entidades.

A perseguição que as mulheres vêm sofrendo pela prática do aborto foi a questão central no debate público. Mas não foi a única. Em vários estados, os movimentos de mulheres denunciaram os impactos das crises energética, ambiental e alimentar. Impactos que a crise financeira mundial já vem causando na vida das mulheres, pela perda de postos de trabalho e por cortes nos gastos públicos na área social. Mais do que nunca, o feminismo fez a diferença. Este é o instrumento da luta das mulheres por sua libertação das relações de opressão e exploração, por sua liberdade e autonomia individual. Este é o instrumento da luta das mulheres por direitos coletivos e por outra sociedade, por outro mundo possível. A declaração final aprovada na Assembléia de Mulheres do Fórum Social deste ano (Belém) anunciou a disposição com que começamos o ano de 2009: "Estaremos todas, em todo o mundo, no próximo 8 de março (...) confrontando o sistema patriarcal e capitalista que nos oprime e explora. Nas ruas e em nossas casas, nas florestas e nos campos, no prosseguir de nossas lutas e no cotidiano de nossas vidas, manteremos nossa rebeldia e mobilização".

## Março, o mês da mulher, está apenas começando.....

Uma batucada feminista foi o meio que o movimento de mulheres de João Pessoa (PB) chamou atenção neste 08 de março, em defesa e solidariedade às mulheres que estão sendo criminalizadas por terem feito aborto.

Com irreverência e criatividade o movimento de mulheres de Belém (PA) foram às ruas reivindicar por lutas feministas. Destaque para o Fórum Metropolitano de Reforma Urbana que esteve com uma grande fantasia de ônibus, fazendo reflexão do direito à cidade. Além disso, mulheres levantaram a bandeira pela legalização do aborto em caminhada com pernas de pau e faixas com protestos. A atividade encerrou na praça da República, com uma exposição de fotos das ações do Fórum de Mulheres da Amazônia Paraense.

Em Natal (RN), a discussão sobre a mulher e o direito a cidade foi tema de um seminário, e também realizaram caminhada com jovens de caras pintadas. O movimento entregou a prefeitura da cidade um documento com a agenda de luta do movimento e as suas reivindicações. Em Fortaleza (CE), o movimento fez uma caminhada com alas, representando as diversas bandeiras de luta das mulheres: pela legalização do aborto, pelo fim da violência contra as mulheres por justiça socioambiental, pelo fim do racismo, da lesbofobia, da violência sexista e do tráfico e exploração sexual das mulheres.

Em Palmas (TO) o movimento de mulheres distribuiu panfletos sobre a crise financeira que afeta a vida das mulheres, e umas balinhas com palavras de ordem para as crianças, durante a feira da Região Norte da cidade. As balas fizeram um maior sucesso com a criançada. No Amapá, as mulheres realizaram audiências públicas, rodas de conversa com as mulheres e em escolas. E a agenda ainda continua até o fim de março, no dia 28 promovem uma grande passeata sobre a descriminalização das mulheres e a legalização do aborto.

Em Goiana (GO), advogadas e militantes do movimento de mulheres passaram informações acerca dos direitos das mulheres e como assegurá-los. Ainda este mês, realizou o II Encontro com as Mulheres Quilombolas, com palestras e oficinas sobre as mulheres negras. Na Bahia, em Campo Grande, o movimento realizou uma grande caminhada por um mundo de igualdade.

Em Manaus (AM), as mulheres fizeram ato público na Praça da Matriz, com bandeiras de luta, apitos, arte, música e dança. O tema central foi a descriminalização do aborto.

Em Vitória (ES) Espírito Santos, o movimento de mulheres realizou uma caminhada no Centro de Vitória, com o tema " Não vamos pagar por esta crise! Mulheres livres, Povos soberanos!", também reivindicaram pelo fim da violência, soberania alimentar e energética, e por seus territórios.

No Rio de Janeiro (RJ), o ato foi unificado com várias organizações feministas, centrais e de partidos políticos. Mulheres saíram da Candelária em direção a Cinelândia, onde ocorreram atividades culturais. Levaram como bandeiras: Violência contra a mulher, a descriminalização das mulheres e a legalização do aborto, soberania alimentar e a crise financeira.

Em Pernambuco, O Fórum de Mulheres de Pernambuco e parceiras ocuparam a praça no Centro do Recife, com faixas e palavras de ordem. A ação começou às 9h da manhã com uma performance da ONG Grupo de Teatro Loucas de Pedra Lilás, o chamado Toré. Em seguida, teve início a Tribuna Livre para a fala pública das mulheres. Ainda este mês, o movimento irá entregar um documento ao governo do Estado com suas reivindicações.

### Mulher e Mídia

O monitoramento, a busca de diálogo e a ação pública de controle social da mídia é uma forma de luta feminista que ganha força e visibilidade com a realização do Seminário O Controle Social da Imagem da Mulher na Mídia, aberto ontem (12), em São Paulo, e promovido pela Articulação Mulher e Mídia, com o apoio da Secretaria Especial de Políticas para Mulheres.

As participantes iniciam o debate de hoje (13) a partir da apresentação do cenário da mídia no Brasil e da exposição dos vários aspectos de representação da mulher na mídia.

Ampliar o diálogo no movimento de mulheres sobre democratização da informação nos remete a outras visões sobre essa imagem, para além da cotidiana objetificação de nossos corpos em cartazes nas ruas, em espaços da TV e na Internet. O modo e os objetivos vinculados à forma como são noticiadas nossas ações como movimento também é parte do que problema 'imagem da mulher na mídia'.

A nossa ausência dos noticiários como sujeito político também constrói a 'imagem' que buscamos enfrentar com nossa ação política feminista. Além das propagandas de cerveja onde uma mulher é transformada em mercadoria, enfrentamos também a 'não imagem' das mulheres como sujeito político, como movimento autônomo que luta pela transformação da vida de nós mulheres, transformando o mundo e transformando a nós mesmas.

Quando o movimento feminista monitora a mídia atua contra a hegemonia da exploração e da opressão das mulheres cotidianamente reiterada pela publicidade que joga com uma 'liberdade de consumo'. Acontece que na sociedade de consumo o consumidor também é consumido. E quando se trata de consumidoras existe também o reforço ao patriarcado capitalista. Somos transformadas em mercadoria não só para o rol dos produtos da sociedade de consumo, mas porque assim também se reforçam relações de poder. E alterar relações de poder é o que queremos no enfrentamento das 'baixarias' na mídia e quando afirmamos direitos, reivindicando mais cidadania para as mulheres. Alterar relações de poder entre mulheres e homens começa também na denúncia dos esquemas que envolvem parlamentares detentores de concessões públicas de rádio e televisão.

Diante da falta de controle social das concessões, que tipo de ação deveríamos realizar? Que imagens temos conseguido projetar na mídia quando fazemos nossas manifestações públicas e outras ações? Quanto de subversão temos levado ao cotidiano e em nossas performances nas ruas como movimento social? Possivelmente estas e outras questões estarão em nossas mentes durante o seminário.

## A AMB NA LUTA POR JUSTIÇA SOCIO-AMBIENTAL

Durante o FSM, uma das lutas pautadas pela AMB foi por justiça sócio-ambiental, compreendendo que esta implica na construção de outras relações com a natureza e o ambiente, mas sem esquecer que é preciso superar as relações sociais de exploração e opressão das pessoas.

Denunciamos o modelo de desenvolvimento que investe na construção de barragens para a produção de energia elétrica, destruindo a natureza e impactando negativamente diretamente na vida das populações, em especial das mulheres. Participando do "Tribunal das Águas: a morte dos rios", organizado pela Frente Cearense por uma Nova Cultura das Águas, por meio de uma performance teatral a AMB levou testemunhos de mulheres que sofrem com a morte dos rios. Denunciamos como a carcinicultura (produção de camarão em cativeiro) ameaça a segurança alimentar quando mata os mangues, destruindo a vegetação, os peixes, os mariscos e retirando das mulheres pescadoras e marisqueiras as fontes de sobrevivência. Denunciamos o impacto da privatização das águas sobre a vida das mulheres na cidade de Manaus. Com o Seminário "A Luta das Mulheres por Justiça Sócio-ambiental", garantimos a expressão da resistência e a diversidade das lutas das mulheres.

Identificamos dois grandes desafios: conferir visibilidade à luta das mulheres por justiça sócio-ambiental, em especial na resistência aos grandes projetos de desenvolvimento e ao agro e hidronegócios que ameaçam a soberania alimentar; e, ao mesmo tempo, fortalecer e legitimar a atuação política feminista como sujeito político no âmbito dos movimentos ambientalistas que tendem a desqualificar o discurso feminista. Faz-se necessário construir uma pauta feminista diferente daquela que reforça o lugar tradicional e essencializado das mulheres na relação com a natureza.

### Seção CONtextos -

Nesta edição, seguem anexos:

- Declaração das Mulheres Camponesas contra o Agronegócio.
- Artigo de Carla Batista sobre os desdobramentos do caso da menina de 9 anos que sofreu estupro, em Alagoinhas - PE.

## Movimentos de Mulheres – Sujeito Político do Fórum Social Mundial

O FSM 2009 trouxe duas novidades de método bastantes desafiadoras para os movimentos sociais: a ação político-cultural proposta para os palcos no dia da Pan-Amazônia (dia 28.01) e as Assembléias auto-gestionadas propostas para o sexto e último dia do Fórum. Os palcos serviram para o uso de diferentes linguagens e expressões da luta dos movimentos sociais. Em todos eles, os movimentos de mulheres foram uma forte presença, atuando de forma impactante sobre o público ao trazer, por meio do próprio corpo das mulheres, com palavras, gestos e cores - um conjunto de interrogações para o movimento altermundista. Ao final do Fórum, ainda se comentava a ação do movimento nestes palcos.

No último dia do FSM em Belém, a Assembléia de Mulheres ficou entre as três assembléias que agregaram o maior número de participantes, com representação de todos os continentes. Na Assembléia de Mulheres também ficou visibilizada a ampla diversidade de movimentos e apesar de não ter sido definida uma lista grande de mobilizações, foram reafirmados compromissos com a construção do feminismo. A Assembléia de Mulheres contribuiu para que se consolide este espaço no FSM. A isto agrega-se a qualidade da pauta de discussões levada adiante nas atividades auto-gestionadas e a atuação das mulheres feministas de Belém no grupo facilitador local. O Fórum de 2009 definitivamente conferiu visibilidade à presença do feminismo no processo FSM - em sua riqueza e diversidade de organizações.

### Mulheres em Destaque

**No 8 de março:** Em meio as muitas homenagens do mês, destacamos uma Rogéria Peixinho – da coordenação da AMB – que recebeu o Diploma Mulher-Cidadã Leolinda de Figueiredo Daltro da ALERJ.

Através de Rogéria saudamos a todas as valorosas companheiras feministas das várias redes e organizações de mulheres brasileiras que em seminários, casas legislativas e outros eventos foram justamente homenageadas neste 8 de março.

**Na academia:** Eleonora Menecucci é a nova Pró-Reitora de Extensão da UNIFESP. Muitos bons frutos colheremos da renovação na área de extensão que a ação feminista de Leo com certeza irá produzir. Parabéns Leo e boa sorte frente os novos desafios!